International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-8, Issue-8; Aug, 2021
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.88.46

Sustainable Cultural Afro Brazilian Practices in the Melancias Quilombola Community in Ocara-Ceará- Brazil

Práticas Culturais Sustentáveis Afro-brasileiras na Comunidade Quilombola de Melancias em Ocara-Ceará-Brasil

Carlos Mendes Tavares[1], Meiriane da Silva Pinheiro[2], Antônio Roberto Xavier[3], Andrea Yumi Sugishita Kanikadan[4], José Gerardo Vasconcelos[5]

[1]PhD and Post-doctorate in Public Health at the University of São Paulo, Post-doctorate in Public Policies at State University of Ceará, Professor of the Master's Degree in Master of Sociobiodiversity and Sustainable Technologies, Institute of Applied Social Sciences, University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony, Redenção, Ceará, Brazil.
[2]Master of Sociobiodiversity and Sustainable Technologies, Institute of Engineering and Sustainable Development, University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony, Redenção, Ceará, Brazil.
[3]Doctor and post-doctorate in Education from the Federal University of Ceará, Professor of the Master's Degree in Master of Sociobiodiversity and Sustainable Technologies, Institute of Applied Social Sciences, University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony, Redenção, Ceará, Brazil.
[4]Doctor in Applied Ecology at the University of São Paulo, professor at the Institute of Applied Social Sciences at University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony, Redenção, Ceará, Brazil.
[5]Doctor in Sociology at Federal University of Ceará and post-doctorate in history at Federal University of Rio Grande do Norte, professor of Filosophy of the Education in the Education Faculty at Federal University of Ceará, Brazil.

Received: 09 Jul 2021,

Received in revised form: 11 Aug 2021,

Accepted: 21 Aug 2021,

Available online: 29 Aug 2021

***Keywords*— Ocara-CE, Práticas culturais, Quilombo Melancias, Sustentabilidade**

***Abstract*— This paper aims to present the cultural practices experienced in the Lagoa das Melancias Quilombola community, located in Ocara, Ceará, Brazil. The focus is to emphasize the cultural practices of the community residents considering the sustainability and the identity recognition as quilombolas remaining group. It is an exploratory study with a qualitative approach and the method chosen is the ethnography case study. The data collection consisted of direct observation, conversation circles, field/notes diary, on-line and face-to-face interviews, through electronic resources such as whatsapp and pictorial resources. The data analysis techniques were composed by the content interpretation and narrative speech. As a conclusion, it is possible to attest that the community residents' identity profile reflects their history and ancestral memory which can be found in nowadays cultural practices in the subsistence agriculture, in women's handcrafted practices, in the medicinal plants cultivated, in the capoeira circles and in the wearing of rastafari hair.*

Resumo *- Este artigo tem por escopo principal apresentar as práticas culturais vivenciadas na comunidade quilombola em Lagoa das Melancias, município de Ocara, Ceará, Brasil. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, do tipo exploratória*

com abordagem qualitativa e método procedimental o estudo de caso etnográfico. Neste sentido, destacam-se as práticas culturais no que concerne à sustentabilidade e ao reconhecimento identitário como remanescentes quilombolas das pessoas que residem na comunidade de Lagoa das Melancias em Ocara-CE. Para a coleta e geração de dados empregou-se a observação direta, as rodas de conversas, o diário e as notas de campo, as entrevistas presencial e virtual, por meio do recurso eletrônico digital whatsapp e recursos imagéticos. No tocante as técnicas de análise dos dados/informações coletados/as empregou-se a interpretação de conteúdo e do discurso narrativo. Ao final, conclui-se que o perfil identitário das pessoas que residem na comunidade em epígrafe refletem a história e memória dos ancestrais presentes nas práticas culturais da agricultura de subsistência, nas práticas artesanais femininas, no cultivo das plantas medicinais, nas rodas de capoeiragem e no uso do cabelo rastafári.

I. INTRODUÇÃO

Ao desenvolver o referido estudo, pudemos reconhecer a nossa identidade cultural brasileira, compreendendo que, apesar dos fortes traços do colonizador em nossas terras, a predominância da cultura africana permanece fortalecida e visivelmente arraigada em nossas vidas, presentes no arcabouço da história brasileira, no que se refere aos diferentes olhares educacional, social e econômico.

Pretendemos conhecer as práticas culturais sustentáveis desenvolvidas por mulheres, jovens e idosos descendentes de povos quilombolas da comunidade denominada Lagoa das Melancias, BR 116, Km 82, Ocara[1]-Ceará-Brasil. Com isso, o objetivo deste estudo é conhecer e fortalecer as práticas culturais sustentáveis presentes na comunidade, seus processos cotidianos nas diversas modalidades com a aplicação de métodos e técnicas que estejam em sintonia com a abordagem qualitativa[1].

A pesquisa permite-nos entender que a vinculação da comunidade com as práticas culturais é a base para a sustentabilidade dos remanescentes quilombolas, sendo de fundamental importância o desenvolvimento de ações educativas com a juventude para a preservação do meio ambiente sem causar degradações e evitar perda das manifestações culturais, visão peculiar às gerações mais jovens. Neste sentido, existe a necessidade de maior presença do poder público local e estadual visando realizar ações que valorizem as atividades socioculturais e conservem o ambiente natural, oferecendo condições de permanência dos comunitários em seu lócus.

Cabe ressaltar que as dificuldades não se tornaram empecilho para os moradores em garantir seus direitos, especialmente quando foram realizar o reconhecimento da comunidade quilombola pelo Ministério da Cultura, através do Departamento ao Patrimônio Afro-brasileiro e Associação Fundação Cultural Palmares. Foi destacado o fato de que a área é habitada por comunidade negra, descendentes de escravizados e que desempenham papel fundamental relacionado à cultura afro-brasileira, visto pelas práticas culturais realizadas na comunidade.

Atualmente o termo sustentabilidade pode ser definido como a capacidade do ser humano interagir com o mundo preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. Com o meio ambiente degradado, o ser humano abrevia o seu tempo de vida, a economia não se desenvolve, complicando o futuro da humanidade. Para preservar a natureza é necessário que se faça uma mediação entre o homem e natureza, antes o ser humano precisa do auto cuidado e respeito, como parte essencial do planeta que habita, transforma, mas que exige equilíbrio. Sendo de fundamental importância os cuidados de preservação com a mãe natureza para que de fato, a sustentabilidade venha fluir na humanidade. O desenvolvimento sustentável é o que deve atender às necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades[2].

A inserção das práticas culturais sustentáveis de Melancias na sociedade local e circunvizinhança possibilitam que as pessoas valorizem nossa cultura, e possam desenvolver competências, habilidades, princípios, valores e atitudes relacionados à sustentabilidade. Portanto, surge a indagação: quais são essas práticas culturais e como estão sendo disseminadas na comunidade local para que seja de fato preservada a identidade dos remanescentes? O incentivo à comunidade para participar de doações de materiais recicláveis, aprender e desenvolver trabalhos artesanais, grupos artísticos, visando não somente à economia, mas como terapia ocupacional, evitando-se assim patologias futuras que são adquiridas por falta de trabalhos terapêuticos, favorecendo mais a qualidade de vida.

II. METODOLOGIA

Este estudo visa fortalecer e valorizar as práticas culturais de uma comunidade de povos remanescentes,

1

Ocara pertence à microrregião do Maciço de Baturité, a 85 quilômetros da capital, Fortaleza. O topônimo “Ocara” vem do tupi-guarani e significa palco, terreiro, ou terraço de aldeia, ou taba.

motivando-a a disseminar a arte nas demais regiões do Maciço de Baturité, de modo a fomentar maior visibilidade e contemplação do fascinante trabalho vivenciado. Desse modo, a pesquisa qualitativa "recorre-se às técnicas de análise de conteúdo, do discurso e/ou das narrativas"[3].

O processo metodológico é o estudo de caso etnográfico do tipo exploratório de natureza básica com abordagem qualitativa em uma comunidade quilombola, denominada Lagoa das Melancias, BR 116, Km 82, município de Ocara na Macrorregião do Maciço de Baturité, Ceará, Brasil. Para a coleta de dados foram empregadas técnicas da observação direta, grupo focal, roda de conversas, o instrumento do diário e das notas de campo e entrevistas semiestruturadas com jovens e idosos, moradores da referida comunidade.

Desse modo, "o pesquisador descreve o caos dos fatos observados, estabelece os fundamentos da análise, os critérios de comprovação para extrair interpretações generalizantes fidedignas"[4].

Após tais procedimentos de coleta e geração de fontes foram empregadas as técnicas de análise de conteúdo e do discurso narrativo na perspectiva da crítica dialética levando em conta o contexto sócio-histórico, procedimentos pertinentes e adequados quando se trata de pesquisa de abordagem qualitativa[3].

Vale ressaltar que durante o desenvolvimento da pesquisa, fomos surpreendidos pela pandemia causada pelo Coronavírus Zonótico (SAR-COV-2/COVID-19), assim, nos reinventamos para prosseguir. Foi necessário reestruturar as técnicas da pesquisa com apropriação da tecnologia, ferramenta indispensável nos últimos tempos para manter a conectividade humana na vida educacional, econômica e social. "As tecnologias digitais que estão ao nosso redor nos dias atuais enfatizam uma mudança de mentalidade"[5].

Os graves riscos causados pela covid-19, ainda frequente em várias comunidades de Ocara com incidência de casos letais, a ausência de uma porcentagem significativa da população vacinada, e a consequente possibilidade de riscos de contaminação, levou-nos a outro caminho. A continuidade da pesquisa aconteceu pelo contato com a comunidade de Melancias através do uso da tecnologia por meio do whatsapp.

O percurso metodológico desenvolvido até o momento, com todos os achados da pesquisa está registrado e documentado em fotografias, registros escritos no diário e nas notas de campo, mensagens e vídeos arquivados no aparelho celular e notebook dos pesquisadores.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A noção de território na sociedade moderna deve ser vista como resultado de uma história como construção da sociedade e civilidade, devendo ser estranhada e relativizada em qualquer contexto de outra matriz e perspectivas culturais, sejam elas indígenas, quilombolas, tradicionais[6].

Similar aos indígenas, os africanos ao serem comercializados no Brasil, também resistem à cultura do colonizador, sofrem maus tratos, torturas, genocídios, sendo negociada a identidade original. A maioria dos escravizados consegue aprender a rezar, obedecer e trabalhar para os seus senhores[7]. Sendo esse novo aprendizado indispensável para a sobrevivência da cultura intrínseca incorporada à nova identidade

O povo brasileiro conduziu suas marcas históricas em um legado de negação pelo colonizador, mas em resistência incorporada pelos grupos étnicos raciais como escudo de luta, dor, mas de superação, em meio às turbulências, submissão e torturas vivenciadas ao longo da história. No entanto, nota-se que o africano no Brasil foi desapropriado de si, foi tratado como um ser qualquer, de forma desumana. Assim, esses povos reconstruíram depois de muito tempo suas características de ser cultural, através da convivência com outros povos africanos de diversas etnias e com indivíduos da velha Pindorama sob um regime de exploração escravagista[8].

Podemos perceber que a partir da Lei Áurea de 1888, a terminologia quilombo fica invisível no cenário jurídico brasileiro, retornando um século depois, com a promulgação da Constituição de 1988. Desse modo, o conceito que se tinha de quilombo se resumia a terra de escravos fugidos e seus descendentes aliado às suas meras características morfológicas e à perpetuação de seus signos culturais e resquícios com base na ancestralidade quilombola.

De forma considerável, percebemos que os quilombolas têm como base de subsistência econômica o cultivo da terra, enfrentando dificuldade de acesso a programas de incentivo à agricultura familiar devido à falta do título da terra, que garante a posse das famílias. A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) executa ações que contribuem para garantia de direitos das organizações quilombolas. Nesse sentido, o perfil dos quilombolas é de agricultores, extrativistas ou pescadores artesanais, mas eles têm uma limitação de acesso a terra, por isso não conseguem ser inscritos na Declaração de Aptidão do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que dá acesso às políticas públicas, o que asseguraria seus direitos e não seriam excluídos pelos órgão governamentais[9].

É salutar que estudos e debates acerca da cultura afro-brasileira tenha se destacado nos últimos anos, visto que a sociedade vem buscando o conhecimento na atualidade nas universidades, especialmente a partir do incentivo do governo Lula, onde as camadas populares ganharam vez e voz para ingressar nas universidades. Isso facilitou a compreensão da população menos favorecida. Notamos que na história brasileira os principais heróis não estavam nas enciclopédias, nem descritos nos livros didáticos, houve uma omissão de fatos históricos que estiveram distantes do conhecimento da sociedade. Por isso é racional ressaltar que é somente a partir da Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, que estados e municípios se veem obrigados a incluir as temáticas do negro e do índio em suas agendas de debate[10].

No que concerne à cultura do município de Ocara encontramos pelos vestígios que o local foi terreiro indígena, visível na própria denominação de um nome tupi Guarani, trazendo em sua essência os costumes e tradições dos nossos ancestrais. Faz parte também desta região, a comunidade de Melancias, habitada por povos remanescentes de quilombolas que vivenciam os valores, a cultura do artesanato, da agricultura de subsistência, do cultivo de plantas medicinais, da roda de capoeira vivenciada pelos jovens e do uso do cabelo rastafári peculiar nas práticas femininas. Essas práticas culturais, ainda hoje, na contemporaneidade, são resistência ao "modelo" de vida imposto na sociedade desde tempos coloniais.

Os habitantes da comunidade Lagoa das Melancias, localizada no município de Ocara-CE, registrada no livro do Cadastro Geral nº 013, Registro nº 1538, nº 154, nos termos do processo administrativo da Fundação Cultural Palmares nº 01420.003633/2010-71, se autodefinem como remanescentes de quilombo, conforme certidão e certificado reconhecidos e expedidos no dia 27 de outubro de 2011, pelo Ministério da Cultura, através do Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro e Associação Fundação Cultural Palmares, representados respectivamente pelo Diretor Alexandro Anunciação dos Reis e pelo Presidente, Eloi Ferreira de Araújo[11,12].

O certificado da terra quilombola demonstra a conquista de direitos adquiridos pelos remanescentes. Sendo uma comunidade limítrofe, desprovida de recursos, vivem economicamente da agricultura e das práticas culturais desenvolvidas como fonte de subsistência. Com rara assistência de políticas públicas na garantia da qualidade de vida, contudo, os remanescentes agradecem a conquista de possuir a terra para trabalhar, assegurando a moradia e a sobrevivência de seus familiares e da comunidade, mesmo tendo que buscar recursos incessantemente, pois ainda sentem fortemente o fardo da exclusão presentes na falta de oportunidades e acesso aos direitos fundamentais como saúde, educação e lazer, direitos garantidos desde a Constituição Federal de 1988[13].

Em uma das rodas de conversa informal com a comunidade de Melancias em fevereiro de 2020, o Sr. Antônio filho de pioneiro dos ancestrais da referida comunidade, relata que a escola municipal existente na localidade foi nucleada, as crianças, adolescentes e jovens precisam migrar para outras comunidades escolares vizinhas. Na comunidade não existe posto de saúde, ou seja, o Programa Saúde da Família (PSF) realiza atendimentos na casa do Sr. Antônio. Tais atendimentos deveriam acontecer uma vez por mês, porém na maioria dos casos ficam até três meses sem a presença da equipe da saúde na comunidade. Quanto à tecnologia, o sinal da internet não chega com frequência o que inviabiliza uma comunicação plausível com a comunidade. A associação dos moradores não tem uma sede própria, se organizam para os momentos de discussão também no alpendre da casa do Sr. Antônio, como mostra a fig. 1.



Fig. 1: Reunião no alpendre do Sr. Antônio

O relato de moradores da comunidade em relação à "agricultura de subsistência, no plantio de milho, feijão, jerimum, as hortaliças, sendo a renda complementada pelas habilidades do artesanato, da culinária e da comercialização dos produtos", base econômica na garantia da subsistência das famílias no período do inverno (vide fig.2). Durante o verão a base da economia é a colheita da castanha e do caju, atividade que integra crianças, jovens e idosos. Relata Sr. Antônio que quando a safra é boa o dinheiro também aparece mais fácil melhorando um pouco a qualidade de vida dos comunitários[14].



Fig. 2: Paisagem de Melancias no período de inverno

A estreita relação das pessoas com as plantas vem de uma herança milenar, desde os primórdios da humanidade, quando não se tinha vestígios da medicina científica. Herdamos muitas práticas da medicina dos povos indígenas e africanos que buscavam na natureza a cura do corpo e da alma através das plantas naturais. Com a aproximação das pessoas de diferentes culturas, das diversas regiões, muitas plantas também percorriam o país durante essas migrações e, seu usufruto sendo sempre utilizadas e disseminadas em inúmeros locais. “Os índios já possuíam habilidades tanto no reconhecimento de plantas quanto no modo de preparo de extratos, levando em consideração a ritualidade e o respeito por seus ancestrais”[15].

Destarte, encontramos na comunidade quilombola de Lagoa das Melancias a cultura do uso das plantas medicinais de diferentes origens. No livro “As plantas curam”, pode-se comprovar que as plantas citadas na fig. 3 abaixo são medicinais[16].

Nome popular das plantas medicinais	**Nome científico das plantas medicinais**	**Origem das plantas citadas**
Agrião	Nectandra nitidula	Ásia e Europa
Malvarisco	Plectanthus amboinicus (Lour.) Spreng	Ilha de Amboin na Nova Guiné
Corama	Bryophyllum pinnatum	Ainda incerta, mas é cultivada na Amazônia
Boldo	Peumus boldus Mol.	Andes do Sul e Andes Chilenos
Hortelã	Mentha piperita	Europa
Capim Santo	Cymbopogon citratus D.C Stapf	Índia
Canela do mato	Nectandra nitidula	Sri Lanka, sul da Índia
Cumaru	Dipteryx odorata	Brasil

Fig.3: Plantas medicinais

Os residentes na comunidade de Melancias veem a importância das plantas medicinais no preparo de chás para a cura de algumas infecções como dor de barriga, febre, tratamento de gripes e de outras patologias que podem ser “curadas” em casa, sem necessariamente ir ao posto de saúde para tomar medicamentos farmacêuticos. Além dos cuidados com as plantas medicinais, as pessoas entrevistadas juntamente com um grupo maior de mulheres desenvolvem o artesanato na comunidade. A artesã conta com satisfação o quanto é gratificante a realização do trabalho com artesanato[17,18].



Fig.4: Tapete produzido pelo grupo de mulheres



Fig.5: Colcha produzida pelo grupo de mulheres

Nas fig.4 e 5 apresentamos algumas peças produzidas na referida comunidade, tapetes feitos com tiras de tecido, toalha de mesa feita de pedaços de tecidos cortados em pequenos diâmetros pontilhado em seu entorno ponto a ponto com agulha manual, depois puxa a linha e faz um franzido unindo toda a borda do tecido, formando uma

espécie de flor, conhecido como fuxico[2], totalmente manual. Os tapetes são mais sofisticados, costurados na máquina de costura elétrica. No Brasil encontramos inúmeras atividades artesanais, de modo peculiar nas comunidades remanescentes, dentre as atividades comerciais, o artesanato tem destaque[19].

A cultura da capoeira disseminada pelo professor Ernilton Oliveira que pratica a ginga com um grupo de crianças e jovens, busca incorporar a cultura dos ancestrais, e vivenciar a disciplina e o ritual. “A capoeira, dessa forma, é reconhecida como fenômeno cultural urbano, cuja história permeia o passado e o presente”[20].



Fig.6: Roda de capoeira

A fig. 6 apresenta o grupo de capoeira organizado pelo professor Ernilton Oliveira em Melancias. Em conversa pelo whatsapp, o professor confessa que a capoeira é algo acima das palavras e das pessoas. Desde que conheceu a ginga se tornou parte da sua vida, da sua fé, algo bem espiritual. Além de ser sua profissão, a capoeira é também sua escola de vivência, pois tanto aprende com adultos quanto com crianças[17].

As rasteiras da capoeira para o professor é um banho de humildade, as dores físicas são fortaleza e elevação espiritual que traz energia. As músicas feitas por outros capoeiristas são a alma desta filosofia de vida que o professor abraçou. Em suas palavras deseja muito Axé pra todos os amantes da arte, pois ela representa tudo na vida da comunidade, o gingado, o molejo, a dança e a musicalidade da arte corporal e o desenvolvimento psicológico dentro da arte[21].

Atualmente, com o progresso da tecnologia percebemos a massificação e a globalização cada vez mais presente na sociedade através dos diferentes estilos, gostos, modo de ser e estar que tenta homogeneizar a cultura brasileira, não somente, pela cultura vivenciada pelos nossos ancestrais, mas também, pelo poder midiático do capitalismo que busca atrair as pessoas ao consumismo e, assim, vivenciar a moda imposta pelo poder que opera e domina a sociedade através do marketing. Em resistência ao poder dominante e opressor, surge o movimento Rastafári “como uma proposta de liberdade e igualdade para o povo negro”. É fruto da diáspora africana, com raízes milenares no continente africano e etíope, passando pela Jamaica com uma mescla das práticas de ex-escravizados, discussões religiosas e do movimento panafricanista[22].

Corroborando com essa prática cultural ancestral, encontramos na comunidade Melancias a cultura do cabelo rastafári, símbolo da cultura jamaicana, praticada no Brasil, especificamente, após a segunda guerra mundial, período em que os grupos e movimentos negros se tornam mais resistente e operante contra a classe dominante, preconceituosa e racista.



Fig. 7: Cabelo rastafári das mulheres de Melancias

Destarte, a partir dos anos 2.000 quando algumas jovens foram morar na capital de Fortaleza, aprenderam o manuseio da arte, reproduziram na comunidade e hoje é bem comum o uso entre jovens e mulheres, sendo essa atividade realizada também por alguns jovens do sexo masculino da produção de cabelos rastafári[3]. “A moda rastafári vai crescendo através de um estilo diferente caracterizado por um cabelo com nós ou torcido que pode ser ajeitado de formas diversas”[23].

IV. CONCLUSÃO

As práticas culturais disseminadas pela comunidade de Melancias devem permanecer presentes na estrutura organizacional e na reprodução social da comunidade, propiciando o sentimento de pertença em todas as

2 Artesanato manufatureiro, feitos com pedaços de tecidos coloridos em formato de flor.

3 Diz-se de, ou movimento místico, político e cultural dos negros da Jamaica e das Antilhas anglófonas. (A música, reggae é manifestação desse [...]. Na comunidade de Melancias o rastafári é uma manifestação cultural realizada nos cabelos, no uso de tranças ou nós coloridos.

gerações, de modo a seguir a cultura dos remanescentes de quilombolas. Mesmo na atualidade, é importante não perder a essência da identidade, da formação da etnia. A vivência cultural na comunidade de Melancias se assemelha à de outros quilombos de origem africanos, com a agricultura de subsistência, os costumes peculiares cotidianos, a roda de capoeira, o costume do cabelo em forma de tranças, o uso de medicamentos naturais, os trabalhos artesanais, como a confecção dos tapetes de retalhos e em forma de fuxico, bem coloridos. São traços fortemente visíveis da descendência africana, características de comunidade que se organiza para a sustentabilidade.

Contudo, nesta amostragem concluímos que os grupos de mulheres, idosos e jovens buscam fortalecer as práticas culturais a partir dos recursos naturais da comunidade quilombola de Melancias, disseminando os costumes afrodescendentes para o reconhecimento sustentável da comunidade, em vistas a valorização da identidade e diversidade cultural afro-brasileira nas diferentes gerações, através da sustentabilidade econômica e social promovendo melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento local. Almejam parcerias de cooperativas e políticas públicas que fortaleçam a sustentabilidade e possam mobilizar de forma a produzir impactos com recursos de forma contínua para desenvolver o trabalho em uma região com poucos investimentos e escassez de marketing.

Após a observação direta do objeto de investigação, rodas de conversas, debates com a comunidade de Melancias, segue-se com a divulgação do trabalho escrito como incentivo à população no que concerne o desempenho do trabalho dos grupos, destacando sempre a importância da garantia das práticas culturais sustentáveis visando perpetuar a história e memória ancestrais da comunidade estudada.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 através do Programa de Apoio à Pós Graduação (PROAP).

REFERÊNCIAS

[1] SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. – 23. ed.– São Paulo: Cortez, 2007.

[2] VAN BELLEN, H. M. Indicadores de Sustentabilidade: Uma análise comparativa. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

[3] XAVIER, A. R.; MUNIZ, K. R. A.; SANTANA, J. R.; VASCONCELOS, J. G.; REGINALDO, S. G. Pesquisa em Educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. educa – Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho, v. 08, p. 1-19, jan./dez., 2021. Disponível em: https://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/4627. Acesso em 22 de fev. 2021.

[4] Cognition.(2008). In Oxford reference online premium dictionary. Retrieved from http://www.oxfordreference.com

[5] CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, vol. 16, núm. 2, 2003, pp. 221-236 Universidade do Minho Braga, Portuga. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210. Acesso em: 20 abr. 2021.

[6] BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico]. BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANi, F. M (Org). – Porto Alegre: Penso, 2015. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br>professor>ensino –híbrido-pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

[7] FREITAS, A. E. C. Territórios Ameríndios: Espaço de vida nativa no Brasil meridional. (Org.). Povos indígenas e Educação. 2. ed.- Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 6390.

[8] MATTOSO, K. Q. Ser escravo no Brasil. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense 2003.

[9] RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

[10] OLIVEIRA, R. S. A importância da capoeira para o povo brasileiro. Identidade! São Leopoldo, v. 19 n. 1, p. 110-125, jan.-jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.est.edu.br/identidade. Acesso em: 03 de abr. De 2021.

[11] CAVALCANTE, A. C. L.; XAVIER, A. R.(Org.). Políticas culturais e educacionais étnico-raciais em Ocara-CE: gestão, participação e inclusão. Fortaleza: Imprece, 2016. p. 69-98.

[12] ALVES, Auricélia. Esboço Histórico de Melancias. Uma Comunidade Quilombola. Ocara-CE: [s.n.], 2015.

[13] BRASIL. Ministério da Cultura – Mnc. Fundação Cultural Palmares – FCP. Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileira. Certidão de Autodefinição. Processo nº 01420.003633/2010-7. Brasília/DF, 27 de outubro de 2011.

[14] BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

[15] PINHEIRO, M. S; XAVIER, A. R; REIS, E. C. Qualidade de vida e sustentabilidade: projeto Amigos Solidários em Ocara, Ceará, Brasil. In:_____; SÁ, L.F Sociobiodiversidade, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade: experiências, limites e possibilidades (Org.). Fortaleza: Imprece, 2020, p. 128-147.

[16] FERREIRA, F. G. P.; PINHEIRO, M. S.; GOMES, B. E. S.; AGUIAR, M. I.. Uso de plantas medicinais no Ceará: uma revisão da literatura de 2008 a 2018. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, v.11, n.5, p.198-209, 2020. DOI: http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2020.005.0020

[17] BALBACH, Alfons. As Plantas Curam. 2 ed. São Paulo:

Editora Missionária, 1995.
[18] COSTA, Antônio Batista. Entrevista. 31 mar. 2021. Meiriane da Silva Pinheiro. Lagoa das Melancias, Ocara, 2021a. Mp3 (60 min.).
[19] COSTA, Maria Iranir. Entrevista. 27 abr. 2021. Meiriane da Silva Pinheiro. Lagoa das Melancias, Ocara, 2021b. Mp3 (1h e 30 min.).
[20] BRASIL. PDITS- Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável polo Maciço de Baturité. Fortaleza, Ceará, 2014. Disponível em: <https://www.setur.ce.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2021.
[21] BRASIL. Dossiê/ Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf. Acesso em: 03 de abr. De 2021.
[22] OLIVEIRA, Ernilton. Entrevista. 31 mar. 2021. Meiriane da Silva Pinheiro. Lagoa das Melancias, Ocara, 2021. Mp3 (1h e 20 min.).
[23] PRESTA, Gustavo Antoniuk. Transgressão e Resistência nas estéticas do Rastafári. Revista Ciclos, Florianópolis, V. 2, N. 4, Ano 2, Fevereiro de 2015.
[24] TRASFERETTI, José. Corpo e Cultura - No contexto da sociedade brasileira. Comunicação & Informação, v. 11, n. 1: p. 126-137 - jan./jun. 2008. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/7498/5316. Acesso em: 22 de fev. 2020.